

Algumas justificativas para o emprego do “não” como prefixo

Lucas S. Campos

UESB/PROHPOR/GRAM

A pesquisa intitulada “A trajetória de gramaticalização dos prefixos na história da língua portuguesa”, respaldada no referencial teórico do Funcionalismo lingüístico, vem sendo desenvolvida no Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, contando com o apoio do PROHPOR – Programa para a História da Língua Portuguesa, através do projeto GRAM – Aspectos da Gramaticalização na História do Português.

Voltados a princípio para os prefixos de negação, os trabalhos tiveram início no ano 1999, no Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal da Bahia, tendo resultado, em 2001, na dissertação de mestrado, intitulada *A gramaticalização do “não” como prefixo no português brasileiro contemporâneo* e, em 2004 na tese de doutoramento, intitulada *A negação prefixal na história da língua portuguesa*. Os trabalhos têm sua continuidade justificada por pretender contribuir para o levantamento de mais um aspecto da constituição histórica da língua portuguesa, a evolução das formas prefixais, fornecendo não somente aos estudantes e profissionais de Letras, como também a outras pessoas interessadas na área uma visão dos aspectos morfo-lexicais e semânticos da língua portuguesa, no campo da prefixação, no decorrer da sua história.

A dissertação intitulada “A gramaticalização do *não* como prefixo no português brasileiro contemporâneo”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação da UFBA, no ano 2001, resultou da observação, em um *corpus* constituído por um jornal de grande porte no estado da Bahia, o jornal “A Tarde”, do emprego dessa palavra em construções do tipo: *não-índio*, *não-violência*, *não-pagamento*, *não-aceitação*. De acordo com a Gramática Tradicional, o *não* é classificado como advérbio com sentido negativo, com esse escopo, ele possui o estatuto de modificar essencialmente as formas verbais e, acidentalmente formas adjetivais. Junto a substantivos, evidenciamos que ele, o “não”, apresenta-se recategorizado como prefixo.

A tese de doutoramento, intitulada “A negação prefixal na história da língua portuguesa”, defendida no ano de 2004 representou um passo de continuidade desses estudos de investigação científica. Nessa etapa, pesquisamos de que modo os elementos,

hoje, cristalizados como prefixos tradicionais de negação: *a-*, *des-*, e *in-*, atuavam no português arcaico e buscamos detectar as primeiras ocorrências do emprego do *não* como prefixo, na língua portuguesa. Na ocasião, em um *corpus* consituído de dez obras em prosa do período arcaico, foram recolhidas e analisadas, 170 formas portadoras de prefixo de negação. Dentre essas 170 formas, verificou-se que: (a) 12 caíram em desuso; (b) 14 foram substituídas por outras com o valor semântico equivalente e a forma *destoruar* ~ *destorvar* foi substituída por uma palavra não-portadora de prefixo de negação: *estorvar*. No que se refere aos prefixos, foram levantados os seguintes dados: produtividade; valor semântico; sobreposição a um outro prefixo; prefixos tradicionais de negação atuando como mero reforço; prefixos nulos; identificação das primeiras ocorrências do emprego do *não* como prefixo. Nesta ocasião - V Congresso Internacional da ABRALIN - apontamos algumas justificativas para trajetória discursivo-pragmática (ou semântico-funcional) do emprego do *não* em posição prefixal.

Como primeira justificativa, apontamos o fato de esse item indicar, simplesmente, a negação de um ser, de uma qualidade ou atributo. Nesse sentido, Alves (1987, p. 1027) aponta os resultados do trabalho que Li Ching realizou sobre palavras formadas por prefixação, usando um *corpus* constituído por revistas e jornais portugueses de 1966 a 1969. Nessa ocasião, o autor afirma que entre os prefixos negativos e privativos do português, o *não* é o mais atual, o que contém a idéia negativa mais pura. A partir dessa neutralidade, isto é, do seu sentido exclusivamente negativo, o *não* tem sido, eficientemente, empregado diante de termos científicos e didáticos.

Podemos ainda apontar como um dos fatores responsáveis pela gramaticalização do *não*, a lei do menor esforço. Admitindo-se essa lei, podemos observar que exige mais esforço dizer: *que não seja democrática* a afirmar, simplesmente, *não-democrática*, em um contexto como: Isso não significa nenhuma espécie de pressão NÃO-DEMOCRÁTICA. Como podemos observar, com o emprego da forma *não-democrática*, o período torna-se mais incisivo e preciso, constituindo, pois, o motivo acima expresso uma forte razão para a generalização do emprego do *não* como prefixo.

Podemos apontar nesse sentido a influência da linguagem jornalística. No tocante a esse aspecto, Alves (1987, p.1027) registra que a produtividade do prefixo *não* no português contemporâneo pode ser explicada pelo fato de esse elemento

corresponder a uma necessidade de economia na emissão da mensagem, tão necessária ao texto jornalístico.

Outra justificativa pode ser a de que o emprego do *não* como prefixo está ligado a um modo de pensar das pessoas que, para evitar uma expressão forte e categórica ao afirmar o oposto do que desejam, empregam o *não* como forma de abrandar o impacto que pode ser causado pela expressão de um dado conceito, através de uma palavra formada um dos prefixos de negação. A rigor, nota-se uma cautela do emissor quando, para afirmar, por exemplo, que: *Beneficiários deixarão de levar em suas carteiras a informação ANALFABETOS*. Prefere abrandar o impacto dessa expressão, dizendo: *Beneficiários deixarão de levar em suas carteiras a informação NÃO ALFABETIZADOS*. Estilisticamente, essa construção estaria eufemizando o impacto dessa afirmação. Em suma, essa necessidade pragmático-discursiva ou semântico-funcional pode ser, também, apontada como um dos elementos motivadores da gramaticalização do *não* como prefixo.

A frequência de uso do *não* com bases destituídas de antônimos lexicais ou com um dos prefixos tradicionais, a exemplo de *violência/não-violência*, representa um forte indicador de que o emprego do *não* como prefixo pode ser analisado como um processo em si, vez que, em contextos como esses, o *não*- tem ampliado os recursos comunicativos da língua, a partir da expansão dos processos de construção de antonímia: a) para atender a novas necessidades comunicativas da sociedade, surgidas a partir do desenvolvimento político, econômico e social, a exemplo da expressão de conceitos emergentes, como o de *organizações não-governamentais*, o de *não-violência*; b) em situações nas quais se necessita estabelecer uma referência restritiva a alguns segmentos sociais, como: *não-brancos*, *não índios*; c) para a indicação de especificidades como: *não-agrícolas*, *não-cirúrgicos*. Fenômeno caracterizado por Weinreich, Labov e Herzog (1968, p. 185) como *Embedding Problem* (problema do encaixamento). Daí, pelo processo de analogia, pode ter gerado a prática da substituição dos prefixos tradicionais pelo *não* prefixal.

A mesma consciência que motivou e justificou o início deste trabalho, a de que um dos fatores para o seu progresso e expansão, se torna necessário, a despeito de viver

o seu presente, conhecer o seu passado e planejar o seu futuro, a fim de que, além de conferir um caráter científico ao saber intuitivo, possa transmitir um claro e sólido conhecimento das suas origens às gerações futuras, continua nos animando na sua continuidade. Assim, nos colocamos abertos a críticas e sugestões que possam contribuir com o seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda Maria. A produtividade do prefixo não- no português contemporâneo. *SBPC, Ciência e Cultura*, v. 39, n. 11. p. 1026-28. 1987.

CAMPOS, Lucas. A negação prefixal. In: *XVIII Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste*. 2000, Salvador.

CAMPOS, Lucas. *A gramaticalização do não como prefixo no português brasileiro contemporâneo*. Dissertação de mestrado, Salvador: Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, 2001.

CAMPOS, Lucas. *A negação prefixal na história da língua portuguesa*. Tese de doutoramento, Salvador: Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, 2004.

CASTILHO, Ataliba T. de. *A gramaticalização*. In: *Estudos Lingüísticos e Literários*. Salvador: EDUFBA, 1997. p. 25-61.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 5. ed., melhorada e aumentada em Lexeologia e Formação de palavras e Sintaxe do Português Histórico. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

SANDMANN, Antônio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. 2. ed. Curitiba: Ed. UFPR, 1996.